

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA BEATRIZ ALBUQUERQUE DO AMARAL

AS VIVÊNCIAS NA PRAÇA DE CASA FORTE: ONTEM E HOJE

RECIFE

2017

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Ana Beatriz Albuquerque do Amaral

AS VIVÊNCIAS NA PRAÇA DE CASA FORTE: ONTEM E HOJE

Trabalho de conclusão de curso como exigência para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof.º Ms. Pedro Henrique Valadares.

RECIFE

2017

Ficha catalográfica

Elaborada pela biblioteca da Faculdade Damas da Instrução Cristã

A485a Amaral, Ana Beatriz Albuquerque do.
As vivências na Praça de Casa Forte: ontem e hoje / Ana Beatriz
Albuquerque do Amaral. - Recife, 2017.
67 f. : il. color.

Orientador: Prof. Ms. Pedro Henrique Valadares
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2017.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Espaço público. 3. Praça.
4. Vivências Sociais. I. Valdares, Pedro Henrique. II. Faculdade Damas
da Instrução Cristã. III. Título

CDU 72

Dedico este trabalho a minha avó Albanita que, de onde estiver, sei que está orgulhosa de mim; à minha mãe Regina e seu marido Jenner, pelo apoio financeiro e emocional; ao meu pai Nelson, sua esposa Rosana e meu irmão Vinícius, que sempre me encorajaram na minha formação em Arquitetura; ao meu irmão João, pelo profissionalismo e empreendedorismo que tem com sua profissão (Fisioterapia), que me incentiva a querer ser uma profissional única; e ao meu orientador Pedro, por quem tenho imenso carinho, pela paciência e dedicação.

“O jardim é uma natureza organizada pelo homem e para o homem.”

"Sem compreender as necessidades de uma cidade e, principalmente sem compreender as funções das áreas verdes, o paisagista não poderá realizar jardins."

(Roberto Burle Marx)

RESUMO

Tendo como objeto de estudo as transformações nas vivências da Praça de Casa Forte em função da verticalização e da mudança de uso das edificações do seu entorno imediato, a pesquisa busca investigar e expor informações referentes à forma de ocupação, compreendendo até que ponto as atuais condições da Praça de Casa Forte atendem ou não às necessidades de seus usuários, no que se refere a lazer, serviços, atividades culturais e esportivas, entre outras, e as mudanças provocadas na paisagem urbana da referida área de estudo, desde a construção das primeiras edificações verticalizadas. A partir de análises documentais e levantamentos bibliográficos e iconográficos, através de registros fotográficos, comparação de imagens de épocas distintas do recorte temporal da pesquisa, levantamento de imagens aéreas, mapas, entre outros, além de entrevistas não-estruturadas, com atores estratégicos, como moradores e trabalhadores do comércio/serviço do entorno imediato e com pesquisadores do objeto de estudo, foi possível chegar aos resultados do trabalho, que está estruturado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

Palavras-chaves: Espaço público. Praça. Vivências sociais.

ABSTRACT

With the transformations in the experiences of the Praça de Casa Forte as object of study due to the verticalization and the change of use of its immediate surroundings edifications, this research aims to investigate and expose information referring to the form of occupation, understanding to what extent the current conditions of the Praça de Casa Forte does meet or not the needs of its users, regarding to leisure, services, cultural and sportive activities, among others, and the changes in the urban landscape of the study area, since the construction of the first skyscrapers of its surroundings. Based on documental analysis and bibliographical and iconographic records, images comparison from different times, aerial images, maps, among others, as well as unstructured interviews with strategic actors as residents and workers of commerce/service of the surroundings and researchers relevant to the study area, it was possible to conclude the research, which is structures in three chapters, in addition to the introduction and the final considerations.

Keywords: Public space. Square. Social experiences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização dos jardins públicos da cidade do Recife, projetados por Burle Marx, tombados pelo IPHAN.....	11
Figura 2 - Localização da Praça no conceito de Paisagem Urbana.....	14
Figura 3 - Praça da Liberdade, Minas Gérias.....	15
Figura 4 - Praça Tiradentes, Curitiba.....	16
Figura 5 - Praça Presidente Tancredo Neves, Minas Gérias.....	16
Figura 6 - Praça da República, Recife/PE.....	17
Figura 7 - Praça Tiradentes, Curitiba.....	18
Figura 8 - Ágora grega.....	19
Figura 9 - Fórum romano.....	19
Figura 10 - Piazza del Campo – Siena/Itália.....	20
Figura 11 - Praça de São Pedro, Vaticano/Roma.....	21
Figura 12 - Praça Santos Andrade, Curitiba.....	22
Figura 13 - Praça Giovanni Breda, São Paulo.....	23
Figura 14 - Localização da Igreja Matriz de Casa Forte, Colégio Sagrada Família e casario perpendicular á igreja.....	25
Figura 15 - Campina entre 1910 e 1920.....	26
Figura 16 - Barraca das mulheres nas festas realizadas pelo padre Donino (s.d.).....	27
Figura 17 – Parque da campina da Casa Forte, vendo-se o monumento comemorativo da Batalha da Casa Forte defronte a igreja, canteiros, bancos e plantas, 1935.....	28
Figura 18 - Praça de Casa Forte de aproximadamente 1937, logo após a inauguração.....	28
Figura 19 - Mapa dos gabaritos das edificações do entorno imediato da Praça de Casa Forte.....	31
Figura 20 - Mapa dos usos das edificações do entorno imediato da Praça de Casa Forte.....	32

Figura 21 - Planta referente o projeto de ajardinamento para o "Parque da Casa Forte" elaborado por Burle Marx, s/d.....	33
Figura 22 - Percepção espacial do interior da Praça de Casa Forte.....	33
Figura 23 - Percepção espacial da margem da Praça de Casa Forte, caso não tivessem sido construídos os edifícios verticalizados (modificação da foto anterior).	34
Figura 24 - Percepção espacial da margem da Praça de Casa Forte.	34
Figura 25 – IEP de nº 317 – funciona como salão de festas do Edifício Freguesia de Casa Forte, construído ao fundo.....	34
Figura 26 - IEP de nº 381 – funciona a cafeteria São Braz e o Empresarial Alcides Fernandes foi construído ao fundo.....	34
Figura 27 – Igreja Matriz de Casa Forte e Colégio Sagrada Família.	35
Figura 28 - Praça de Casa Forte entre 1940 e 1950.....	37
Figura 29 - Desenho de Burle Marx, estudos para o Jardim da Casa Forte, 1935.	37
Figura 30 - Desenho de Burle Marx, estudos para o Jardim da Casa Forte, 1935.	37
Figura 31 - Planta referente o projeto de ajardinamento para o "Parque da Casa Forte" elaborado por Burle Marx, s/d.....	38
Figura 32 - Planta de situação e interpretação do projeto de Burle Marx.	39
Figura 33 - Esquema da localização da Praça de Casa Forte e do seu entorno imediato, segundo o Plano Diretor do Recife.....	40
Figura 34 - Localização da Praça de Casa forte e seu entorno imediato dentro da ARU – Área de Restruturação Urbana.	41
Figura 35 - Mapa da Lei 16.719/2001 - ARU	42
Figura 36 - Mapa de localização dos IEP no entorno imediato da Praça de Casa Forte.	43
Figura 37 - Primeiro lago da Praça de Casa Forte.....	46
Figura 38 - Lago central da Praça de Casa Forte.....	46
Figura 39 - Terceiro lago da Praça de Casa Forte.	47
Figura 40 - Elementos da Praça – Totem comemorativo.	47

Figura 41 - Elementos da Praça - Placa informativa.	47
Figura 42 - Elementos da Praça – Banco.....	47
Figura 43 - Elementos da Praça - Cerca.	47
Figura 44 - Elementos da Praça - Caminho interno.....	48
Figura 45 - Elementos da Praça - Calçada.....	48
Figura 46 - Tanque central da Praça de Casa Forte, década de 1950.....	50
Figura 47 - Tanque central da Praça de Casa Forte, 2017.....	51
Figura 48 - Conjunto de bares e lanchonetes no entorno imediato da praça.	51
Figura 49 - Carros estacionados nas ruas que ladeiam a Praça de Casa Forte.	52
Figura 50 - Mapa das dinâmicas mais relevantes da praça.....	54
Figura 51 - Lavadores de carro.....	55
Figura 52 - Ponto de táxi na praça.....	55
Figura 53 - Pessoas se exercitando, fazendo caminhada na praça.....	55
Figura 54 - Freqüentadores da praça com seus animais de estimação.	55
Figura 55 - Freqüentadores da praça, adultos e crianças.....	56
Figura 56 - Casal namorando no banco da praça.....	56
Figura 57 - Feira de produtos orgânicos na Praça de Casa Forte.	56
Figura 58 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.	57
Figura 59 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.	57
Figura 60 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.	57
Figura 61 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.	57
Figura 62 - Procissão na Praça de Casa Forte, s/d.....	58
Figura 63 - Arautos do Evangelho Recife.	58
Figura 64 – Prévia carnavalesca Clubinho Anárquico Parasita Sai Dessa Noia.	59
Figura 65 - Prévia carnavalesca A Turma da Jaqueira Segurando o Talo.....	59

Figura 66 - Praça de Casa Forte, eleições de 2010.....	60
Figura 67 - Praça de Casa Forte, eleições de 2016.....	61
Figura 68 - Vista aérea da Praça de Casa Forte.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. VIVÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS LIVRES: O CASO DAS PRAÇAS.....	14
1.1. As praças na paisagem urbana	14
1.2. As praças enquanto espaço público	17
1.3. As praças e suas vivências	23
2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	25
2.1. Dinâmica de ocupação do entorno imediato da Praça de Casa Forte	25
2.2. Aspectos projetuais da Praça de Casa Forte	36
2.3. Legislações que interferem na praça e no seu entorno imediato	39
2.4. Análise do estado de conservação da Praça de Casa Forte	44
3. AS VIVÊNCIAS NA PRAÇA DE CASA FORTE	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço dinâmico que está em constante movimento e mudança. Com as mudanças, alteram-se também a sua paisagem, suas formas e suas funções. Costa (2003) acredita que, assim como boa parte das grandes cidades brasileiras, a cidade do Recife vem passando por transformações muito rápidas e sem controle, correndo o risco de também perder seus lugares tão importantes para a consolidação dos vínculos coletivos.

A cidade do Recife foi o berço da criação dos primeiros jardins públicos brasileiros de caráter moderno com a atuação do paisagista Roberto Burle Marx, no período de 1935-1937. Ao projetar os jardins no Recife, uma das grandes preocupações de Burle Marx era dar à população um amplo serviço de ajardinamento público, onde houvesse ar puro e relativa liberdade para passeios e repouso nas tardes quentes, conferindo, desta forma, uma função social aos seus jardins (SILVA, 2012).

No início de 2008, o Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco solicitou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o tombamento dos seis jardins mais representativos da cidade do Recife realizados por Burle Marx, que incluía a Praça de Casa Forte, a Praça Euclides da Cunha, a Praça do Derby, a Praça da República e o Jardim do Campo das Princesas, a Praça Farias Neves e a Praça Ministro Salgado Filho. Para subsidiar o tombamento, foi elaborado o Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife (SILVA, 2012).

Então, em junho de 2015, os jardins ganharam proteção federal, tendo como principais argumentos a importância do paisagista como um dos expoentes do movimento modernista no Brasil e no exterior, das qualidades estéticas e paisagísticas das obras e da influência do autor sobre o paisagismo brasileiro.

O mapa da Figura 1 mostra a localização dos seis jardins referidos acima.

Figura 1 - Mapa de localização dos jardins públicos da cidade do Recife, projetados por Burle Marx, tombados pelo IPHAN.



Fonte: Google Maps, 2017 – Diagramação: Autora, 2017.

O tombamento da Praça de Casa Forte, primeiro jardim público projetado por Burle Marx para a cidade do Recife, e um importante espaço público, ocorreu em um momento em que a praça, como aponta Costa (2003), vem sofrendo um intenso processo de verticalização, além do adensamento construtivo e a introdução de novos usos, alterando sua paisagem, morfologia, condições ambientais e comportamentais. Estas alterações podem estar modificando as experiências coletivas e os sentimentos dos usuários em relação a este trecho da cidade.

Tendo como objeto de estudo as transformações nas vivências da Praça de Casa Forte em função da verticalização e da mudança de uso das edificações do seu entorno imediato, que no presente trabalho é delineado pelos lotes limítrofes à praça, a pesquisa busca investigar e expor informações referentes à forma de ocupação e as mudanças provocadas na paisagem urbana da referida área de estudo, desde a construção das primeiras edificações verticalizadas, além de responder o questionamento: em que medida esse processo de adensamento construtivo e a introdução de novos usos alteram as vivências e as formas de apropriação dos usuários da praça?

A pesquisa tem como objetivo geral indicar de que modo as vivências na mencionada praça se mantiveram, ou se alteraram, se adaptando ou não, ao processo de transformação de

seu entorno imediato, desde a construção das primeiras edificações verticalizadas na área. Para alcançar o objetivo proposto, foram traçados três objetivos específicos que norteiam toda a pesquisa: verificar como se deram os processos de verticalização e alteração de usos na área; analisar a importância da Praça de Casa Forte para seus usuários, moradores de seu entorno ou não; e compreender até que ponto as atuais condições da Praça de Casa Forte atendem ou não às necessidades de seus usuários, no que se refere a lazer, serviços, atividades culturais e esportivas, entre outras.

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia adotada é apontada por Bunge (1974) e apresentada por Marconi e Lakatos (2010) como hipotética-dedutiva, que consiste em quatro etapas: (a) colocação de um problema; (b) construção de um modelo teórico e de uma hipótese; (c) investigação (teste da hipótese); e (d) conclusões (confirmação ou não da hipótese). Para tanto, foram realizadas análises documentais e levantamentos bibliográficos e iconográficos, através de registros fotográficos, comparação de imagens de épocas distintas do recorte temporal da pesquisa, levantamento de imagens aéreas, mapas, entre outros. Além de entrevistas não-estruturadas com atores estratégicos, como moradores e trabalhadores do comércio/serviço do entorno imediato, com os quais foi possível fazer um registro oral a partir da vivência dos mesmos; como também com pesquisadores do objeto de estudo.

De posse das informações obtidas pela aplicação do procedimento metodológico acima descrito, foi possível confrontar os achados históricos com os atuais e desta forma entender as mudanças pelas quais passou o entorno imediato da Praça de Casa Forte. Além da elaboração de mapas de usos, de gabaritos e das dinâmicas da praça, a fim de entender o modo de utilização e das transformações ocorridas no espaço.

O trabalho está estruturado em três capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro, são conceituados alguns termos relevantes para se entender o papel da praça enquanto espaço público e sua importância na paisagem urbana, através de texto e imagens.

No segundo, é apresentada a caracterização da área de estudo, incluindo a dinâmica de ocupação, os aspectos projetuais, as legislações pertinentes e a análise de conservação da Praça de Casa Forte. Neste capítulo são apresentados textos, fotos antigas e atuais e mapas de localização da Praça dentro do contexto urbano da cidade do Recife, com indicação de usos e gabaritos das edificações do entorno imediato da Praça, além do mapa de locação dos Imóveis Especiais de Preservação – IEP no referido entorno.

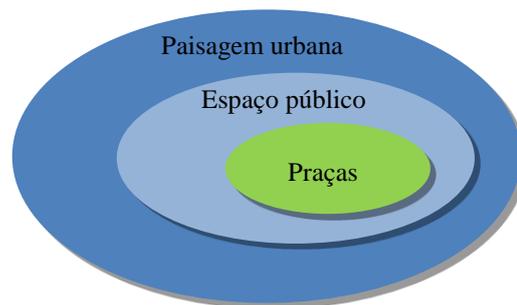
O terceiro apresenta a análise das vivências da Praça de Casa Forte, através de textos e imagens que ilustram as práticas cotidianas, ou eventuais, na referida área, além do relato oral dos atores estratégicos, com os quais foi possível mensurar a importância da praça.

Por fim, as considerações finais, as quais consistem em uma análise dos dados coletados ao longo da pesquisa, apresentados no presente trabalho, com levantamento de questionamentos pertinentes à problemática abordada na Praça de Casa Forte.

1. VIVÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS LIVRES: O CASO DAS PRAÇAS

No presente trabalho, as praças são consideradas uma categoria de análise que, segundo Caldeira (2007), são uma categoria de espaço público, sendo este também constituído por calçadas, ruas, parques, etc., o qual compõe a paisagem urbana de uma cidade, como representado na Figura 2.

Figura 2 - Localização da Praça no conceito de Paisagem Urbana



Fonte: Autora, 2016.

As praças são espaços verdes entre as edificações de uma cidade, destinadas principalmente para atividades de lazer, descanso, cultura, etc., onde a aglomeração de pessoas gera vivências de diversas naturezas, ocasionadas pelos atrativos da praça, de seu entorno e das relações interpessoais desenvolvidas por estas atividades.

Neste contexto se insere a Praça de Casa Forte, localizada no bairro de mesmo nome, na cidade do Recife, considerada um importante espaço público da cidade, que, segundo Silva (2012), foi projetada nos anos 1930, dentro do Plano de Aformoseamento da Cidade, que contemplava desde projetos completos a pequenas intervenções urbanas.

Para melhor compreender a importância desse espaço dentro do contexto urbano, podem-se avaliar os aspectos a seguir.

1.1. As praças na paisagem urbana

Para Zukin (2000), a paisagem urbana é, em grande parte, uma construção material, mas também uma representação simbólica das relações sociais e espaciais. Malamut (2014) acrescenta que a paisagem é tudo aquilo que está ao alcance do olhar do observador, e, no meio urbano, é consequência da interferência humana sobre o espaço natural, no qual passam a fazer parte dela as intervenções urbanísticas, as edificações, a vegetação, etc. A paisagem é

determinada coletivamente e guarda registros ambientais, históricos, culturais e simbólicos dos lugares.

Neste contexto, as praças se diferenciam de outros espaços por representarem vazios intencionais na malha urbana, os quais proporcionam uma ruptura na paisagem conformada pelas edificações, como demonstra a Figura 3. Constituem espaços referenciais, atuando como marcos visuais e como pontos focais na organização da cidade (CALDEIRA, 2007).

Figura 3 - Praça da Liberdade, Minas Gerais.



Fonte: (SEBE, 2014)

As praças podem constituir benefícios para o ambiente urbano, como apontam Macedo e Robba (2002) ao destacarem o uso da vegetação, tanto com apelo estético como fator de amenização climática, e os aspectos subjetivos relacionados à sua existência, como a influência positiva no psicológico da população, proporcionada pelo contato com a área verde e/ou pelo uso do espaço para o convívio social, como demonstra a Figura 4. Segundo os autores, tais benefícios estão vinculados a valores ambientais, funcionais e estéticos/simbólicos.

Os valores ambientais dizem respeito ao espaço livre ocupado pelas praças que permite melhoria na ventilação e aeração urbana e na insolação de áreas mais adensadas. As árvores de grande porte promovem o sombreamento das ruas e seus canteiros não irradiam tanto calor como o asfalto ou piso de concreto, propiciando o controle da temperatura. A cobertura vegetal permite a melhoria na drenagem das águas pluviais e a proteção do solo contra a erosão (MACEDO e ROBBA, 2002).

Figura 4 - Praça Tiradentes, Curitiba.



Fonte: (Circulando por Curitiba, 2011)

Os valores funcionais correspondem à importância que muitas praças têm como as principais, senão únicas, opções de lazer urbano. Estas áreas servem como ponto de encontro, local aberto para apreciação da paisagem, além de disporem, muitas vezes, de outros atrativos destinados ao lazer da população, como coretos para apresentações culturais, fontes d'água, bancos, quiosques, equipamentos de ginástica, pistas de caminhada e cicloviás, parquinhos para crianças, entre outros (MACEDO e ROBBIA, 2002), como demonstra a Figura 5.

Figura 5 - Praça Presidente Tancredo Neves, Minas Gerais.



Fonte: (Conjunto arquitetônico da Prefeitura de Contagem - MG, 2011)

Os valores estéticos e simbólicos representam a função das praças enquanto objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercerem importante papel na identidade de um município, bairro ou rua. Frequentemente relacionadas à carga histórico-cultural, as praças são vistas e atuam como espaço de diálogo, local acolhedor para o passeio e lazer de toda sociedade. Do ponto de vista estético, as praças contribuem através das qualidades plásticas – cor, forma, textura – do seu entorno imediato (MACEDO e ROBBA, 2002), como demonstra a Figura 6.

Figura 6 - Praça da República, Recife/PE.



Fonte: (ACIOLY, 2013)

1.2. As praças enquanto espaço público

Para Narciso (2009), o espaço público constitui uma fonte de intensa representação social, cultural e pessoal, pois se trata de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditória, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade.

O espaço público é caracterizado mais fortemente pela dimensão social, ou seja, pela vida em público e pelas diversas práticas exercidas no dia-a-dia, ou eventualmente, portanto, é acima de tudo o espaço de vivência, de pertencimento, herdeiro da história dos objetos e das pessoas que dão significado e se confundem com a memória do lugar, como exposto na Figura 7.

Figura 7 - Praça Tiradentes, Curitiba.



Fonte: (Circulando por Curitiba, 2011)

Da Antiguidade Clássica à Era Contemporânea, as praças representam elementos-síntese da organização urbana por constituírem lugares de manifestação e de culto, propícios à interação social (CALDEIRA, 2007).

A autora destaca que, a *Ágora*, como espaço urbano constituiu a principal praça da civilização grega, representando o lugar de encontro dos cidadãos. Essa praça era formada por um pátio aberto, circundado por edifícios públicos e administrativos. Esse conjunto formava o centro político-social da cidade e sua configuração reforçava esse simbolismo: estrategicamente situado, podia ser visualizado por toda a comunidade e representava um imenso vazio cercado por edifícios institucionais, sagrados e comerciais. Na *Ágora*, os cidadãos livres exerciam a política, por meio da ação e do discurso, a palavra era compartilhada e as decisões eram estabelecidas, ou seja, a vida pública manifestava-se nesse espaço, como exposto na Figura 8.

Figura 8 - Ágora grega.



Fonte: (Conceito de Ágora, 2012)

Assim como a Ágora, o Fórum, na civilização romana, desempenhou um papel central na vida dessa sociedade. Considerado como espaço urbano principal, o Fórum era delimitado por edificações de cunho institucional, religioso e comercial, e cercado por colunatas. Representava o coração da cidade romana, unindo diversas atividades públicas, como encontros políticos, cultos, discursos às multidões e negociações entre comerciantes, além da possibilidade de se assistir às disputas atléticas (CALDEIRA, 2007), como exposto na Figura 9.

Figura 9 - Fórum romano.



Fonte: (RAGENE, 2016)

No período medieval, a praça representou, assim como a ágora e o fórum, o espaço de interação social, onde se desenvolviam os principais acontecimentos coletivos da vida cotidiana. Surgem no momento histórico das cidades muradas, das grandes fortificações e constituíam o espaço de encontro e festividades, o local do comércio e da aplicação da justiça, geralmente localizado em frente a igreja e/ou Mercado, local por excelência vazio, configurado pela ausência das construções, as chamadas “praças secas” (LAMAS, 1993), como exposto na Figura 10.

Figura 10 - Piazza del Campo – Siena/Itália.



Fonte: (Viaje sempre e cia, 2014)

No Renascimento, a praça adquire importância estética com as transformações sociais desencadeadas. O crescimento urbano, o desenvolvimento do mercantilismo e das pequenas indústrias, e a reestruturação da sociedade com o surgimento da burguesia acarretaram novas atitudes em relação ao espaço público. As praças renascentistas surgem no contexto da cidade ideal e conseqüentemente da busca da praça ideal. Diferentemente das praças medievais, que surgiam do vazio não edificado e não pertencentes ao tecido urbano, as praças renascentistas, surgem com sentido de embelezamento, trazendo suntuosidade as cidades, passando assim, as mesmas a serem consideradas espaços públicos, pertencentes à estrutura urbana. A praça deixa de ser somente funcional, mas seu valor social, simbólico e artístico passa a ser considerado (LAMAS, 1993), como exposto na Figura 11.

Figura 11 - Praça de São Pedro, Vaticano/Roma.



Fonte: (História da Arte - expressividade: luxo e riqueza - barroco, 2014)

A partir da metade do século XVIII, a relação entre as esferas pública e privada começa a se modificar. O desenvolvimento da burguesia mercantil e intelectual promove uma reestruturação no sentido da vida pública, onde a praça e a rua perdem força como símbolos de espaços públicos e teatros, bares e cafés tornam-se alternativas de espaços de sociabilidade, firmando-se como instituições no imaginário da sociedade burguesa. Analisando as consequências do deslocamento progressivo do comércio e das atividades coletivas para espaços fechados e ambientes restritos, Sennett (1988) observa o fenômeno de esvaziamento dos espaços públicos como a praça.

À medida que as cidades cresciam e desenvolviam-se redes de sociabilidade independentes do controle real direto, aumentaram os locais onde estranhos podiam regularmente se encontrar. Foi a época da construção de enormes parques urbanos, das primeiras tentativas de se abrir ruas adequadas à finalidade básica de passeio de pedestres, como uma forma de lazer. Foi a época em que os cafés e mais tarde bares e estalagens para paradas de diligências tornaram-se centros sociais; época em que o teatro e a ópera se abriram para um grande público graças à venda aberta de entradas, no lugar do antigo costume pelo qual patrocinadores aristocráticos distribuíam lugares. A difusão das comodidades urbanas ultrapassou o pequeno círculo da elite e alcançou um espectro muito mais abrangente da sociedade, de modo que até mesmo as classes laboriosas começaram a adotar alguns hábitos de sociabilidade, como passeios em parques, antes terreno exclusivo da elite, caminhando por seus jardins privativos ou promovendo uma noite no teatro (SENNETT, 1988).

A partir do século XIX, nota-se uma mudança estrutural na escala da cidade, em que seu crescimento rápido e acelerado exige que as intervenções urbanas sejam abrangentes e não restritas a pontos específicos, devido às novas necessidades de infraestrutura, equipamentos, habitação e novas exigências espaciais. Essas intervenções transformaram a configuração urbana das cidades, quando o modelo da rua tradicional é substituído por um sistema de circulação de fluxo contínuo e a praça assume o papel de elemento de composição do sistema viário – lugar de passagem, entroncamento.

A praça da cidade moderna se transformou no vazio diluído na imensidão urbana, em meio ao ruído dos automóveis e do intenso tráfego de pedestres e de veículos. Ao declínio da praça, como espaço de representação pública, corresponderia o fenômeno, identificado por Sennett (1988) como enfraquecimento da vida pública e de recolhimento da sociedade para os lugares fechados em busca de um ambiente mais seguro e tranquilo.

O papel da praça parecia estar condenado à escala monumental, desempenhando somente a função de grande vazio. Contudo, uma mudança nas políticas contemporâneas de intervenção urbana recolocou em foco a questão da retomada do espaço público. Nesse contexto, o espaço da praça ressurgiu como o protagonista dos espaços coletivos, principalmente nas ações de resgate de qualidade urbana concretizadas em intervenções de áreas centrais, de locais históricos, e mesmo de espaços reabilitados de pequenas praças (CALDEIRA, 2007), como demonstra a Figura 12.

Figura 12 - Praça Santos Andrade, Curitiba.



Fonte: (Praça Santos Andrade em Curitiba, 2010)

1.3. As praças e suas vivências

Estudos sobre cidades do mundo todo elucidam a importância da vida e da atividade como uma atração urbana. Para Gehl (2015), as pessoas reúnem-se e as coisas acontecem espontaneamente. Segundo ele, “a vida entre edifícios”, como conceito, inclui todas as diferentes atividades em que as pessoas se envolvem quando usam o espaço comum da cidade: caminhadas propositais de um lugar para o outro, paradas curtas ou longas, contemplação de vitrines, realização de atividades físicas, diversão, comércio de rua, brincadeiras infantis, bate papo e encontro com outras pessoas. Essas atividades sociais exigem a presença de pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre elas no espaço público. Portanto, se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais, porém, se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece.

Como interface aberta e acessível entre as pessoas, o espaço urbano garante um importante local para grandes encontros, manifestações e protestos políticos, bem como para atividades mais modestas, como pequenas feiras e encontros específicos (GEHL, 2015).

Considerando que praças são espaços abertos, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social, constituindo-se, portanto, de um local de convívio social por excelência (LIMA et al., 1994; MACEDO e ROBBA, 2002), como demonstra a Figura 13.

Figura 13 - Praça Giovanni Breda, São Paulo.



Fonte: (Praça Giovanni Breda recebe mil pessoas durante entrega de melhorias, 2015)

Para Caldeira (2007), a praça constitui um importante elemento na conformação do espaço urbano. Como espaço coletivo, abriga significativos acontecimentos da vida cotidiana, estando atrelada aos diversos momentos de transformação das cidades. A praça representa uma espécie de ambiente camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo.

A possibilidade do contato interpessoal público, oferecida pela praça, permite o estabelecimento de ações culturais fundamentais, desde interações sociais até manifestações cívicas. Sendo assim, a praça potencializa a noção de identidade urbana que o lazer na esfera da vida privada dificilmente poderia proporcionar (QUEIROGA, 2001).

Portanto, diante do exposto, é possível considerar a Praça de Casa Forte como um importante espaço público na conformação da paisagem urbana do Recife, uma vez que ela se apresenta como um espaço dotado de símbolos, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos, como será exposto no capítulo a seguir.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1. Dinâmica de ocupação do entorno imediato da Praça de Casa Forte

O cenário atual do conjunto arquitetônico paisagístico composto pela Praça de Casa Forte e seu entorno imediato é constituído pela sobreposição de paisagens de diversos momentos históricos.

No século XVI, as terras correspondentes ao objeto de estudo abrigavam as instalações do Engenho Casa Forte, composto por casa grande, senzala, fábrica¹ e capela, além de uma área descampada na frente da casa grande e da capela, conhecida como campina (COSTA, 2003).

A casa grande localizava-se à direita da capela, provavelmente no local onde, atualmente, existe o colégio da Sagrada Família. Com relação à capela do engenho, não é possível precisar a sua exata localização, estaria no local onde hoje está a igreja de Casa Forte ou poderia também ter ocupado onde atualmente se encontra a capela do colégio Sagrada Família, em posição central em relação à praça. Já a fábrica, possivelmente ocupou o local onde atualmente existe o casario perpendicular à igreja.

Figura 14 - Localização da Igreja Matriz de Casa Forte, Colégio Sagrada Família e casario perpendicular á igreja.



Fonte: Autora, 2016.

¹ Também chamada de Casa da Moenda, ou Moita. Era o local onde se fabricava os derivados da cana-de-açúcar.

Em 17 de agosto de 1645, o engenho foi palco de uma das mais notáveis batalhas da região, travada entre portugueses e holandeses no início do movimento intitulado como Restauração Pernambucana, que ficou conhecida como Batalha de Casa Forte, devido à importância que a casa grande teve para o acontecimento.

Após a batalha, a fábrica foi extinta e a casa grande e a capela ficaram bastante danificadas. Em 1672, a capela foi reparada, sendo batizada de Nossa Senhora das Necessidades do Engenho Casa Forte. No fim do século XVII, a capela caiu em abandono, chegando ao estado de ruínas e a área que ficava em frente à igreja passou a ser chamada de campina da Casa Forte, para perpetuar a lembrança da batalha.

Em 1777 as terras do engenho, já desativado, foram repassadas para diversos herdeiros, os quais, no processo de partilha cederam para a comunidade o terreno em frente à igreja, “não só para aformosear a mesma igreja, e servir de praça ou feira para o futuro, como para perpetuar a lembrança da segunda vitória que nele alcançaram os brasileiros contra os holandeses”. O espaço que antes era de propriedade privada passa para o domínio público e de uso coletivo, ou seja, passa a ser regulado e normatizado pelo governo local para o uso de toda a sociedade (GOMES, 2002), como exposto na Figura 15.

No ano de 1911, aquelas terras passaram à condição de povoado e a capela foi reconstruída pelos moradores e reinaugurada. Nesse mesmo período as irmãs francesas da Sagrada Família fundaram ali um colégio homônimo à congregação na antiga casa grande (COSTA, 2003).

Figura 15 - Campina entre 1910 e 1920



Fonte: Silva, 2010.

Com o loteamento das terras no fim do século XIX e início do século XX, construíram-se residências no entorno da campina, que, junto à igreja e ao Colégio da Sagrada Família, delimitavam um grande terreno retangular onde se realizavam manifestações populares, como eventos religiosos e festas. A estrada de Casa Forte e sua continuidade, a estrada de Apipucos, também tiveram um papel importante na época, pois nela circularam os ônibus, as maxambombas e os bondes.

Por volta de 1920, chega ao bairro de Casa Forte o padre Francisco Donino Costa Lima, que iniciou as festas de natal e ano novo na campina, atraindo além dos moradores do entorno, também moradores de localidades próximas, com o intuito de arrecadar dinheiro para a reforma da igreja e para a construção da casa e do salão paroquial em um terreno que margeava a campina. Estas festas foram realizadas até o início dos anos 1930, quando se deu início às obras de urbanização da área (COSTA, 2003), como exposto na Figura 16.

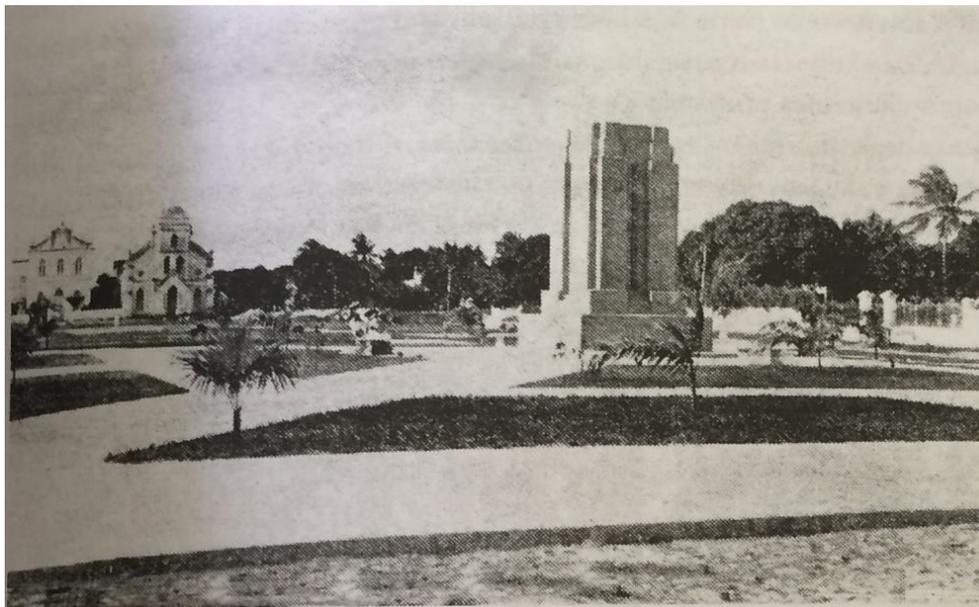
Figura 16 - Barraca das mulheres nas festas realizadas pelo padre Donino (s.d.).



Fonte: Costa, 2003.

Em 1932 foi executado um projeto de ajardinamento na campina, cujo arruamento já estava definido, dividindo-a em três partes. Foi erguido no alinhamento da igreja um monumento em pedra em comemoração ao combate de 1645, rodeado por bancos e vegetação em canteiros, como demonstra a Figura 17. A obra transcorreu, provavelmente, entre 1934 e 1935, ano em que já estavam concluídos os trabalhos (COSTA, 2003).

Figura 17 – Parque da campina da Casa Forte, vendo-se o monumento comemorativo da Batalha da Casa Forte defronte a igreja, canteiros, bancos e plantas, 1935.



Fonte: Silva, 2010.

Ainda no ano de 1935, o monumento foi demolido para a implantação do projeto da Praça de Casa Forte do paisagista Roberto Burle Marx, conforme um plano geral para os jardins do Recife. A construção da Praça de Casa Forte se deu em uma época em que o bairro era predominantemente residencial, resultando em um ambiente convidativo, harmônico e um tanto bucólico (COSTA, 2003), como demonstra a Figura 18.

Figura 18 - Praça de Casa Forte de aproximadamente 1937, logo após a inauguração.



Fonte: Costa, 2003.

A implantação da praça deu um novo sentido à área que passou a contar com uma bela paisagem, vista por todos que passavam, já que ficava à margem da Estrada de Casa Forte, que passou a se chamar Avenida 17 de agosto, em homenagem à batalha já citada.

A praça, assim como na época da campina, continuou sendo o centro do bairro de Casa Forte, pois foi mantida a sua importância como um local para onde convergiam as pessoas e onde se realizavam os encontros e as festas.

Entre as décadas de 1970 e 1990, o bairro de Casa Forte, passou por intensas transformações na sua paisagem com uma alteração de volumes, espaços e funções existentes. A característica harmônica da paisagem começou a ser modificada, ainda que no início, de forma pontual, com um novo elemento, o edifício vertical, que passou a se destacar na paisagem. Os primeiros edifícios verticais dos anos 1970 apresentavam um gabarito baixo e mantinham uma relação com o entorno. Já a partir dos anos 1980, surgem edifícios mais altos, considerados verdadeiros arranha-céus, com novas formas de implantação, geralmente soltos no terreno, sem uma relação com a rua (COSTA, 2003).

O fato de ser reconhecido como bairro verde, por possuir uma considerável cobertura vegetal e muitos jardins, funciona como atrativo para grandes e luxuosos empreendimentos. O entorno da Praça de Casa Forte é então fortemente atingido pela verticalização das edificações a partir dos anos 2000, quando aconteceu o grande “boom” imobiliário, decorrente do desenvolvimento econômico e da expansão da cidade do Recife (CARNEIRO, COSTA, *et al.*, 2006).

A presença dos edifícios verticalizados contribuiu para o salto quantitativo da população da área, que aumentou rapidamente. Paralelamente a isso, ocorre a perda de seu caráter estritamente residencial, com a introdução de atividades ligadas a comércio e a serviços, além do aumento do fluxo de veículos, gerando poluição sonora e atmosférica, como demonstra as Figuras 17, 18, 19 e 20.

Figura 17 - Jardim da Casa Forte a partir da igreja, 1936.



Fonte: Silva, 2010

Figura 18 - Praça de Casa Forte a partir da igreja, 2016.



Fonte: Autora, 2016.

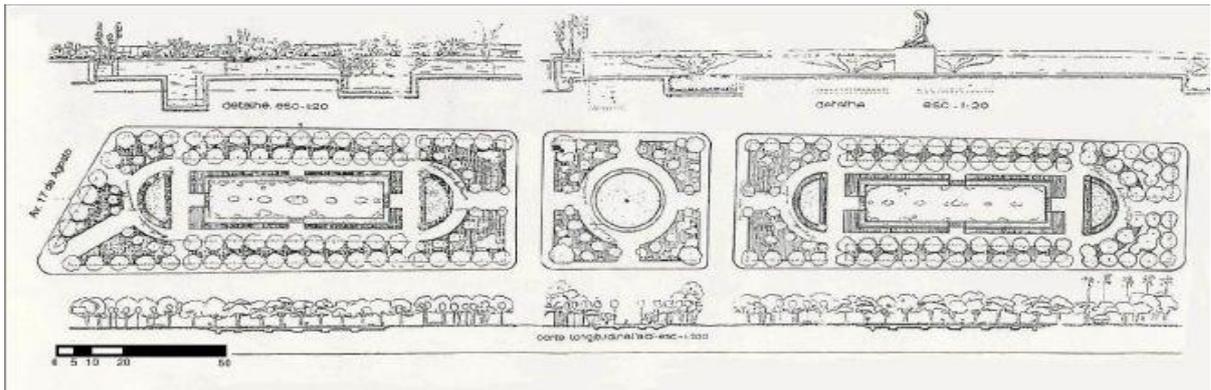
Figura 20 - Mapa dos usos das edificações do entorno imediato da Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2016.

O projeto de Burle Marx foi eficiente para garantir ao máximo o acolhimento do espaço interno da praça. No entanto, há uma alteração brusca de configuração espacial quando se vivencia a margem da praça e seu entorno imediato, causada pela construção dos edifícios verticalizados, como demonstra as Figuras 21, 22, 23 e 24.

Figura 21 - Planta referente o projeto de ajardinamento para o "Parque da Casa Forte" elaborado por Burle Marx, s/d.



Fonte: Silva, 2010.

Figura 22 - Percepção espacial do interior da Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 24 - Percepção espacial da margem da Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 23 - Percepção espacial da margem da Praça de Casa Forte, caso não tivessem sido construídos os edifícios verticalizados (modificação da foto anterior).



Fonte: Autora, 2017.

Muitos casarões foram destruídos, reformados ou encontram-se com grandes edifícios construídos ao fundo de seus terrenos, como é o caso dos Imóveis Especiais de Preservação – IEPs², que estão sendo descaracterizados ao se transformarem em salão de festas dos edifícios residenciais ou em pontos comerciais, como demonstra as Figuras 25 e 26.

Figura 25 – IEP de nº 317 – funciona como salão de festas do Edifício Freguesia de Casa Forte, construído ao fundo.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 26 - IEP de nº 381 – funciona a cafeteria São Braz e o Empresarial Alcides Fernandes foi construído ao fundo.



Fonte: Autora, 2016.

² Exemplos isolados de arquitetura significativa para o patrimônio histórico, artístico e/ou cultural da cidade, cuja proteção é dever do Município e da comunidade (RECIFE, 1997).

Os edifícios verticais construídos no entorno da praça, modificaram a paisagem, alterando a silhueta da paisagem circundante, que passou a apresentar uma realidade partilhada de torres que acabam formando um paredão construído; além da presença de edificações comerciais, como escola, bar e academia, fazendo com que o estacionamento de carros ao redor da praça, antes restritos aos moradores ou aos poucos visitantes, torne-se mais constante. Portanto, o automóvel passa a ser um elemento definidor de espaços devido a sua grande quantidade ao longo do dia.

A paisagem urbana foi radicalmente transformada, onde os antigos elementos construídos dominantes, os casarões, são substituídos ou postos em segundo plano por outros novos imóveis, os edifícios verticais, que são geralmente pensados de forma individual, não tendo relação com o entorno. Apesar disto, a igreja e o colégio Sagrada Família continuam funcionando como atrativos para o local (COSTA, 2003), como demonstra a Figura 27.

Figura 27 – Igreja Matriz de Casa Forte e Colégio Sagrada Família.



Fonte: Autora, 2016.

Portanto, através desse resgate histórico, fica evidente que a característica de equilíbrio dos volumes construídos e naturais e sua relação harmônica com o sítio são radicalmente alterados com a introdução de elementos da vida moderna como os edifícios verticais, os novos usos e o crescimento do tráfego de veículos, que vão suprimindo o velho cenário e criando um novo, restando apenas pequenos marcos e vestígios do passado.

2.2. Aspectos projetuais da Praça de Casa Forte

A cidade do Recife foi o berço da criação dos primeiros jardins públicos brasileiros de caráter moderno, com a atuação do paisagista Roberto Burle Marx, no período de 1935 a 1937. Até então, vigorava a tradição de jardins europeus com predomínio do uso de espécies vegetais desassociadas da paisagem urbana (SILVA, 2012).

À frente do Setor de Parques e Jardins da então Diretoria de Arquitetura e Urbanismo do Governo do Estado de Pernambuco, Burle Marx elaborou um plano de aformoseamento, contemplando desde projetos completos a pequenas intervenções, que abrangeu treze jardins públicos. Naquele momento, os jardins do Recife estavam em situação de abandono por parte do poder público e, diante de tal situação, reivindicações por melhorias nesses espaços tornaram-se constantes.

Ao projetar os jardins do Recife, uma das grandes preocupações de Burle Marx era dar à população um amplo serviço de ajardinamento público, onde, pelo menos houvesse ar puro e relativa liberdade para passeios e repouso nas tardes quentes, uma vez que o Recife era uma cidade pobre e com a maioria da população morando em casas estreitas, sem ar, sem luz e sem conforto. Desta forma, o paisagista conferiu aos seus jardins uma função social.

Para Burle Marx a planta tem a conotação de ser o elemento principal do jardim, que, por sua vez, caracteriza a função artística, higiênica e educativa. Foi com esses princípios que os jardins do Recife foram projetados (SILVA, 2012), como demonstra a Figura 28.

Figura 28 - Praça de Casa Forte entre 1940 e 1950.



Fonte: Costa, 2003.

Para a Praça de Casa Forte, Burle Marx concebe um jardim composto por três partes, onde cada uma representa um grupo isolado de plantas de acordo com a província geográfica. A primeira e a segunda partes foram dedicadas à vegetação de ampla distribuição geográfica brasileira, sendo que a segunda abriga espécies típicas da região amazônica. Para a terceira parte o motivo foi a vegetação de outros continentes, ou seja, plantas exóticas. Em seus desenhos, o paisagista destacava a diversidade de espécies vegetais enfatizando as características morfológicas da maioria das plantas. O objetivo do paisagista era proporcionar à população meios para que pudessem distinguir a flora nativa da exótica e com isso despertar o amor pela natureza, conferindo, desta forma, uma função educativa à praça (SILVA, 2012), como exposto nas Figuras 28, 30 e 31.

Figura 29 - Desenho de Burle Marx, estudos para o Jardim da Casa Forte, 1935.



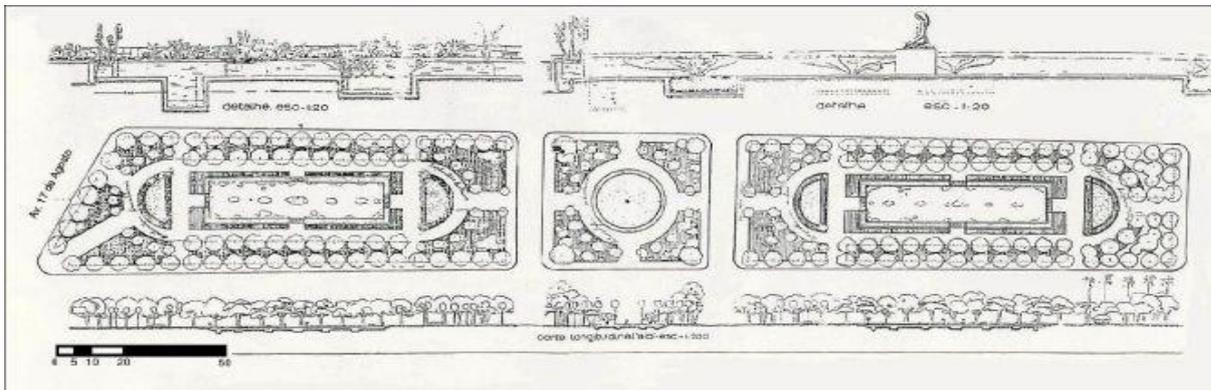
Fonte: Silva, 2010.

Figura 30 - Desenho de Burle Marx, estudos para o Jardim da Casa Forte, 1935.



Fonte: Silva, 2010

Figura 31 - Planta referente o projeto de ajardinamento para o "Parque da Casa Forte" elaborado por Burle Marx, s/d.



Fonte: Silva, 2010.

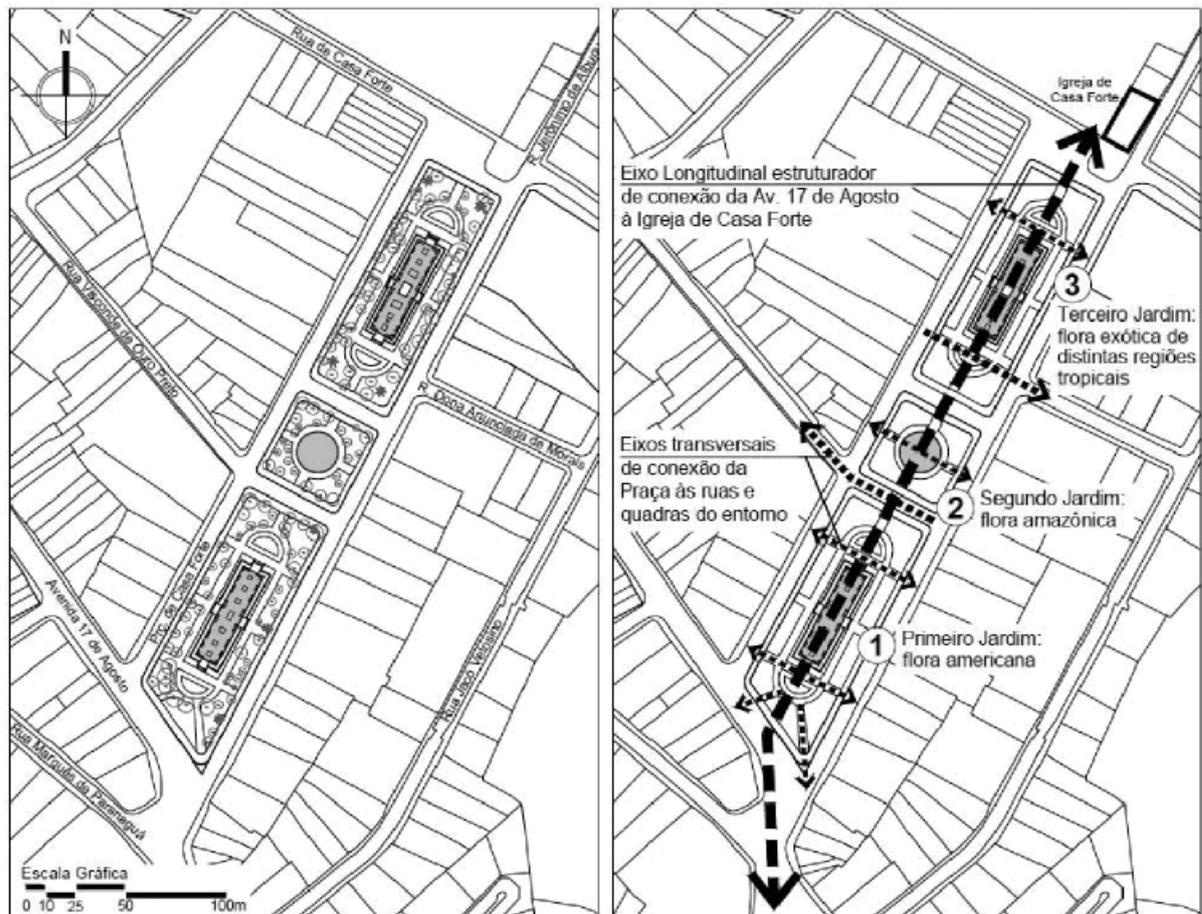
Sobre o projeto paisagístico para o Jardim da Casa Forte, Burle Marx explica:

O nosso jardim (...) será composto de três lagos, obedecendo às formas geométricas de maior simplicidade. Como função educativa cada um deles representará um grupo isolado, pela proveniência geográfica dos elementos, subordinados entretanto à ideia de conjuncto. No lago central, circular, será o recipiente da flora aquática amazônica. No centro desse lago, será colocada uma estatua de Celso Antonio, representando uma índia a se banhar. Circundando o lago, haverá uma fileira de Páos-Mulato, árvore interessante pelo seu feitio definido de troncos em columnata e copas simétricas, de grande efeito decorativo, para jardins architectônicos. Ao lado das entradas para o passeio que envolve o lago, serão vistos canteiros de tinhorões, que darão a nota colorida ao local. (...) Quanto aos dois lagos retangulares um será dedicado à flora americana, e o outro à flora exótica. No primeiro achar-se-á toda a grande variedade de plantas aquáticas aos nossos rios e açudes. Ao redor do lago plantas marginais (...) alguns representantes da família das gramíneas, etc., fornecerão um aspecto de exuberância tropical. Caminhando de dentro para fora, encontraremos um gramado e um passeio. Finalmente duas carreiras de árvores (...). o lago exótico conterà a flora aquática das regiões tropicais dos outros continentes. Nelle serão vistos os lotus, planta aquática oriunda do Nilo (...). entre as árvores que ladeiam este lago, figuram: o Páo-teka, os Flamboyants de floração rubra e amarela, Acacias diversas, etc. obteremos assim um conjuncto que muito nos dirá da riqueza vegetal dos tropicos, com árvores de grande porte, de folhagens exuberantes e de florações intensas, onde serão encontrados em associação, a sombra que nos é tão necessária e um meio educativo, subordinados a uma ideia geral de esthetica (Diário da Tarde, 22/05/1935, p.2 apud SILVA, 2010).

Silva (2010) acrescenta que o traçado era composto por passeios internos entre os espelhos d'água e as faixas de grama e por passeios externos, contornando toda a extensão do jardim. Sobre a grama, as duas alamedas de árvores sombreavam a fileira de bancos simples e sem encosto, desprovidos de desenhos rebuscados, e as entradas para o jardim desembocavam nas escadarias dos espelhos d'água. Passeios e alamedas se prolongavam e produziam a noção de conjuncto entre os três lagos do jardim, um dos quais culminava no cruzeiro de pedra à

frente da igreja. O trajeto pelo Jardim da Casa Forte permitia a contemplação de cenários variados em função de grupos vegetais combinados de acordo com a procedência geográfica. E a água represada nos lagos proporcionavam efeitos cênicos e refrescantes, além de servir como meio de cultura botânica, como demonstra a Figura 32.

Figura 32 - Planta de situação e interpretação do projeto de Burle Marx.



Fonte: Decreto nº 29.537/2016 – Jardins Públicos de Burle Marx no Recife.

2.3. Legislações que interferem na praça e no seu entorno imediato

De acordo com a Lei nº 17.511/2008 – Revisão do Plano Diretor da cidade do Recife, a cidade está dividida em duas macrozonas: a Macrozona do Ambiente Construído – MAC e a Macrozona do Ambiente Natural – MAN.

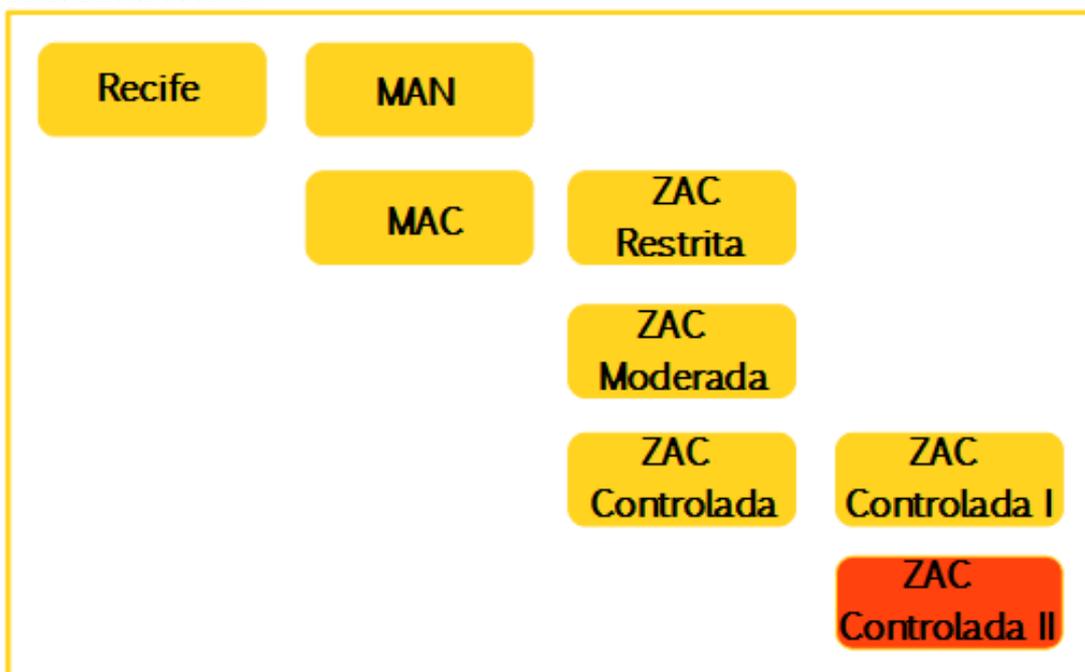
A MAC, segundo o Art. 90 do documento supracitado, “compreende as áreas caracterizadas pela predominância do conjunto edificado, definido a partir da diversidade das formas de apropriação e ocupação espacial” e tem como diretrizes principais a valorização, conservação, adequação e organização do espaço edificado da cidade. Está subdividida em

três zonas: Zona de Ambiente Construído de Ocupação Restrita, Zona de Ambiente Construído de Ocupação Moderada e Zona de Ambiente Construído de Ocupação Controlada.

A Zona de Ambiente Construído de Ocupação Controlada - ZAC é formada pela Zona Controlada I e Zona Controlada II. Esta corresponde a frações territoriais dos doze bairros componentes da Área de Reestruturação Urbana – ARU, que inclui o bairro de Casa Forte. Seus objetivos incluem entre outras coisas, incentivar a preservação, recuperação, reabilitação e conservação dos imóveis e dos elementos característicos da paisagem; conservar e implantar espaços de uso coletivo, voltados à inclusão para o trabalho, esportes, cultura e lazer e; dinamizar as atividades de comércio e serviços locais.

A Figura 33 sintetiza a localização da Praça de Casa Forte e do seu entorno imediato segundo o Plano Diretor do Recife.

Figura 33 - Esquema da localização da Praça de Casa Forte e do seu entorno imediato, segundo o Plano Diretor do Recife.



Fonte: Autora, 2017 – Dados da Lei nº 17.511/2008 – Revisão do Plano Diretor da cidade do Recife.

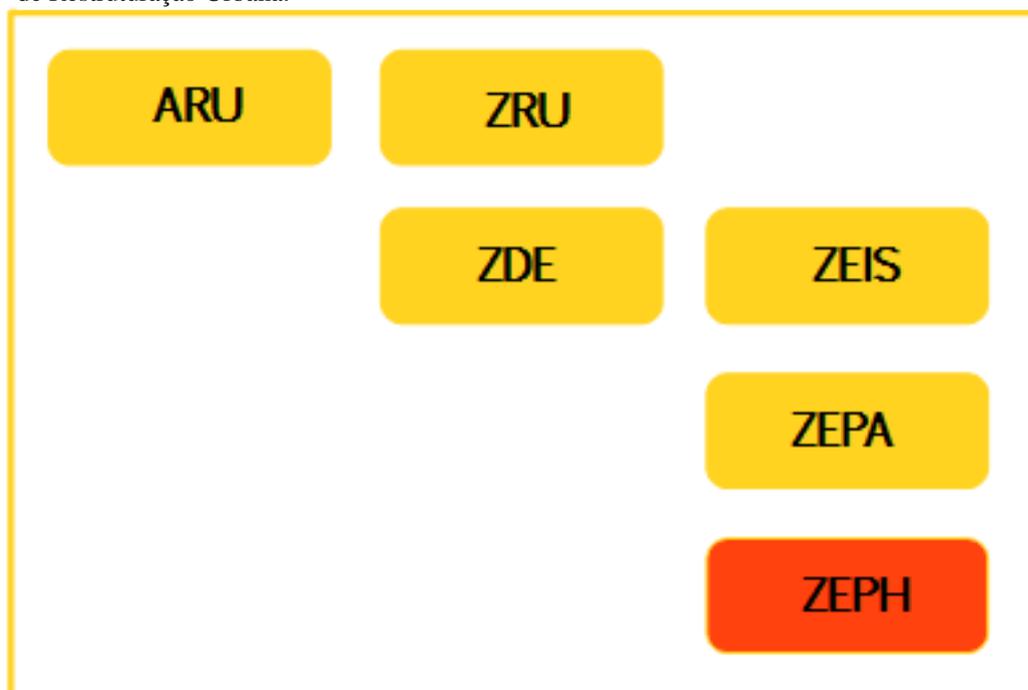
A Lei nº 16.719/2001, que criou a Área de Reestruturação Urbana (ARU), tem como objetivos: requalificar o espaço urbano coletivo; permitir a convivência de usos múltiplos no território delimitado pela lei; condicionar o uso e a ocupação do solo à oferta de infraestrutura instalada, à tipologia arquitetônica e à paisagem urbana existentes; definir e proteger áreas que serão objeto de tratamento especial em função das condições ambientais, do valor paisagístico, histórico e cultural e da condição socioeconômica de seus habitantes e; respeitar

as configurações morfológicas, tipológicas e demais características específicas das diversas localidades da Área de Reestruturação Urbana.

Conforme essa lei as áreas de reestruturação urbana estão distribuídas em duas zonas, a Zona de Reestruturação Urbana – ZRU e a Zona de Diretrizes Específicas – ZDE. Esta compreende áreas que exigem tratamento especial na definição de parâmetros reguladores de uso e ocupação do solo e classificam-se em: Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS, Zonas Especiais de Proteção Ambiental – ZEPA e Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural – ZEPH.

A Figura 34 sintetiza a localização da Praça de Casa Forte e do seu entorno imediato dentro da Área de Reestruturação Urbana (ARU).

Figura 34 - Localização da Praça de Casa forte e seu entorno imediato dentro da ARU – Área de Reestruturação Urbana.



Fonte: Autora, 2017 – Dados da Lei nº 16.719/2001 – Cria a Área de Reestruturação Urbana.

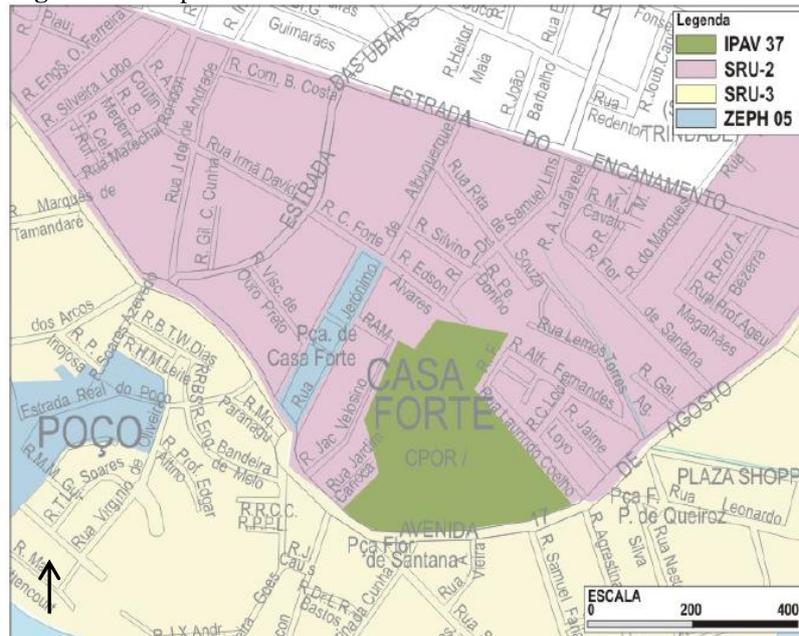
Segundo o Art. 114 do Plano Diretor da cidade do Recife, as Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural – ZEPH são:

Áreas formadas por sítios, ruínas, conjuntos ou edifícios isolados de expressão artística, cultural, histórica, arqueológica ou paisagística, considerados representativos da memória arquitetônica, paisagística e urbanística da cidade.

A Praça de Casa Forte está inserida na Zona supracitada e enquadra-se como Unidade de Equilíbrio Ambiental – UEA, já que se trata de espaço vegetado, inserido na malha urbana,

que têm a função de manter ou elevar a qualidade ambiental e visual da cidade, de forma a melhorar as condições de saúde pública e promover a acessibilidade e o lazer. Já o seu entorno imediato está inserido no Setor de Reestruturação Urbana 2 - SRU 2, que tem o objetivo de promover o equilíbrio ambiental e paisagístico, através da preservação ou compensação das áreas vegetadas dos imóveis inseridos no Setor, como demonstra a Figura 35.

Figura 35 - Mapa da Lei 16.719/2001 - ARU



Fonte: DIRCON, 2001.

Outro elemento constituinte da paisagem urbana, referenciado no Plano são os Imóveis Especiais de Preservação – IEP, que correspondem a imóveis isolados de arquitetura significativa para o patrimônio histórico, artístico ou cultural da cidade do Recife, devendo receber tratamento especial quanto a parâmetros urbanísticos e diretrizes específicas. De acordo com a Lei 16.284/1997 – Imóveis Especiais de Preservação – IEP, no entorno imediato da Praça de Casa Forte estão localizados treze IEP, destacados na Figura 36.

A Lei dos IEPs, como é conhecida, determina que não será permitida nos imóveis qualquer intervenção que implique em demolição, descaracterização dos seus elementos originais ou alteração da volumetria e da feição da edificação original. Ainda de acordo com essa lei, os imóveis são preservados e os seus proprietários têm a isenção do IPTU e a área remanescente, ficará sujeita, no que couber, aos parâmetros urbanísticos estabelecidos pela LUOS para as Zonas onde se situam os IEPs.

Figura 36 - Mapa de localização dos IEP no entorno imediato da Praça de Casa Forte.



 Imóveis Especiais de Preservação - IEP's

Fonte: Autora, 2016 – Dados da Lei nº 16.284/1997 – Imóveis Especiais de Preservação – IEP.

A Lei 16.176/96 – Lei de Uso e Ocupação do Solo da cidade do Recife corresponde a um instrumento que delimita diretrizes e parâmetros para a organização do espaço urbano da cidade. Segundo essa lei, o perímetro da Praça de Casa Forte está inserido no Setor de Preservação Rigorosa – SPR, que é constituído por áreas de importante significado histórico e/ou cultural que requerem sua manutenção, restauração ou compatibilização com o sítio integrante do conjunto.

Por sua importância histórica, a Praça de Casa Forte, juntamente com mais cinco jardins da cidade do Recife projetados por Roberto Burle Marx, ganharam em junho de 2015, proteção federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, tendo como principais argumentos a importância do paisagista como um dos principais expoentes do movimento modernista no Brasil e no exterior, das qualidades estéticas e paisagísticas das obras e da influência do autor sobre o paisagismo brasileiro.

De acordo com Machado (2015), a proteção representa a possibilidade de manter a integridade do desenho da concepção, uma vez que os jardins são elementos vivos, que se transformam no tempo, mas eles têm uma essência que está na linguagem do artista que estará preservada no tombamento.

Sob a proteção do IPHAN, os jardins ficam sujeitos ao Decreto-Lei nº 25/1937, que proíbe, em qualquer hipótese, de serem destruídos, demolidos ou mutilados. Além de, sem prévia autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não ser possível, a construção na sua vizinhança, de edificações que impeçam ou reduzam sua visibilidade, sob pena de ser mandada destruir a obra.

Portanto, a Praça de Casa Forte, por ter sido objeto de criação de um artista de renome nacional, incorpora dimensões atuantes no processo de formação desse espaço, histórica, artística, simbólica e culturalmente, conferindo a ela características de um bem urbanístico e patrimonial dentro da cidade do Recife.

2.4. Análise do estado de conservação da Praça de Casa Forte

Em agosto de 2014, a Praça de Casa Forte passou por obras de requalificação executadas pela Emlurb/Prefeitura do Recife, em comemoração à Semana Burle Marx, instituída pela Lei 17.571/2009 – Semana de Burle Marx no Recife.

Os serviços realizados contemplaram a recuperação das calçadas em pedra portuguesa dos gradis e dos bancos; nivelamento do interior da praça com areia no passeio interno; limpeza e impermeabilização dos lagos com manta asfáltica; conserto das instalações

hidráulicas que abastecem os lagos e; recuperação elétrica nos postes. Além disso, houve a recuperação do paisagismo com o tipo de vegetação estabelecida por Burle Marx no projeto original (PREFEITURA DO RECIFE, 2014).

Em março de 2016, a Prefeitura do Recife editou e publicou o Decreto nº 29.537 como forma de assegurar a proteção e conservação de 15 jardins históricos da cidade do Recife, entre eles os seis jardins projetados por Burle Marx entre os anos de 1935 e 1937 e tombados pelo IPHAN em 2015. O documento prevê, dentre outras coisas, a elaboração, de acordo com uma comissão técnica, do Plano de Gestão e Conservação dos Jardins Históricos de Burle Marx, que constitui o instrumento que determina as normas para a conservação, bem como para o uso e ocupação dessas Unidades Protegidas.

O Decreto propõe que até a elaboração do Plano de Gestão e Conservação, qualquer intervenção, uso ou atividade pretendidos nos Jardins Históricos deverão ser submetidos à decisão da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade – SMAS, observadas as competências do demais órgãos.

Para a elaboração do Plano de Gestão e Conservação, algumas ações já estão sendo realizadas, como o levantamento executado na Praça de Casa Forte por uma equipe formada por profissionais, entre arquitetos e biólogos do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e de técnicos da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Prefeitura (SMAS), para verificar o estado de conservação das espécies vegetais do local (FONSECA, 2016).

Um trabalho de arqueologia botânica já descobriu que menos da metade das 56 espécies da vegetação histórica plantadas pelo paisagista no local na década 1930 permanece viva, motivando um trabalho de resgate do planejamento original, feito há mais de 80 anos no primeiro jardim de estilo moderno do Brasil. Além do desconhecimento dos gestores, a mudança climática também contribuiu para que 55% das espécies morressem e/ou fossem substituídas. O surgimento de prédios altos ao redor do logradouro fez com que o microclima mudasse de quente e úmido para extremamente quente e com ventilação inadequada para as espécies.

De acordo com o memorial técnico-justificativo presente no Decreto nº 29.537/2016, a Praça de Casa Forte apresenta os seguintes equipamentos, mobiliários e materiais para conservação: postes de ferro para iluminação, placas metálicas de informação turística e de identificação das espécies vegetais, bancos de madeira tipo veneziano, cerca de ferro dos

canteiros, calçadas com desenho em pedra portuguesa e passeios internos em terra batida. Além disso, apresenta ainda, uma parada de ônibus e um posto policial, na parte mais próxima da Avenida 17 de Agosto, placas de trânsito por toda sua extensão e totens que marcam a entrega da sua revitalização realizada em 2014, pelo Governo Municipal. Tais equipamentos, mobiliários e matérias encontram-se em bom estado de conservação, como exposto nas Figuras 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44 e 45. No entanto, apesar de constar no Decreto supracitado a presença de placas de identificação das espécies vegetais, as mesmas não se encontram na Praça.

Figura 37 - Primeiro lago da Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 38 - Lago central da Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 39 - Terceiro lago da Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 41 - Elementos da Praça - Placa informativa.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 40 - Elementos da Praça - Totem comemorativo.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 43 - Elementos da Praça - Cerca.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 42 - Elementos da Praça - Banco.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 44 - Elementos da Praça - Caminho interno.

Fonte: Autora, 2016.

Figura 45 - Elementos da Praça - Calçada.

Fonte: Autora, 2016.

Os serviços de manutenção e limpeza da praça são realizados periodicamente por funcionários da Emlurb, segundo Elida Santos, gerente-geral de Praças, Áreas Verdes e Parques do Recife – em entrevista ao Jornal Diário de Pernambuco, do dia 22/03/2017 – e em razão disso se vê pouco lixo pelo chão da praça, porém, o que pode ser visto com frequência são folhas secas que caem das árvores. Entretanto, para a arquiteta e urbanista Ana Rita Sá Carneiro, a manutenção da praça é precária, uma vez que, por se tratar de um Jardim Histórico tombado pelo IPHAN, seus cuidados deveriam ficar a cargo de uma equipe treinada, formada por técnicos da jardinaria e botânica, por exemplo, e não por funcionários de limpeza urbana da Prefeitura do Recife, como acontece atualmente. Além disso, para a arquiteta, deveria haver reuniões periódicas com todos os atores envolvidos na dinâmica da praça – Emlurb, Celpe, Compesa, Dircon, Universidade, Paróquia, escolas e adotantes –, para a elaboração e execução de um plano de gestão para a manutenção e conservação do espaço. A praça, que já foi adotada por algumas instituições, como escola e hospital, ou seja, teve seus cuidados sob responsabilidade de uma parceria público-privada, atualmente apresenta somente sua parte central sob os cuidados da empresa Aporte Comunicação, que se localiza na própria praça, na edificação de número 465, e o restante fica a cargo da Prefeitura.

3. AS VIVÊNCIAS NA PRAÇA DE CASA FORTE

Para compreender o desempenho das praças é necessário descartar a falsa convicção de que elas são capazes de estabilizar o valor de bens imóveis ou funcionar como âncoras da comunidade. As praças, por si sós, não transformam qualquer virtude inerente ao entorno. Longe de promover as vizinhanças automaticamente, as próprias praças é que são direta e drasticamente afetadas pela maneira como a vizinhança nelas interfere (JACOBS, 2011).

Para Leitão (2002), compreender as funções de uma praça implica considerar fundamentalmente o uso efetivo que a população lhe dá, já que é pelo uso que a apropriação acontece. A autora afirma ainda que as funções da praça refletem o lugar em que ela está inserida, por exemplo: no Recife, se o entorno de uma praça é uma sucessão de edifícios altos, de uso residencial, é provável que suas calçadas sejam uma sequência de muros igualmente altos, o que fará delas lugares pouco convidativos; no entanto, se esses edifícios, por sua vez, comportam apenas escritórios, é provável que a praça seja frequentada apenas nos horários de entrada e saída dos profissionais que ali trabalham, ficando assim a maior parte do tempo deserta. Seguindo essa linha de pensamento, Jacobs (2011) aponta a importância de diversos usos nas edificações limítrofes à praça, para que ela se mantenha viva, através de usuários que nela transitem em horários diversos, construindo assim, relações de cuidado, contribuindo para a segurança do espaço.

A Praça de Casa Forte, portanto, ainda pode ser apontada como um bom exemplo de espaço público seguro e convidativo, levando em conta as considerações expostas acima, já que ao redor da praça existem edifícios de diferentes usos, onde moradores, comerciantes e estudantes, transitam em horários diversos, deixando-a em constante movimento. Além disso, a praça, mesmo desprovida de equipamentos públicos como brinquedos infantis, exerce sua principal função enquanto espaço público: promover o encontro entre pessoas.

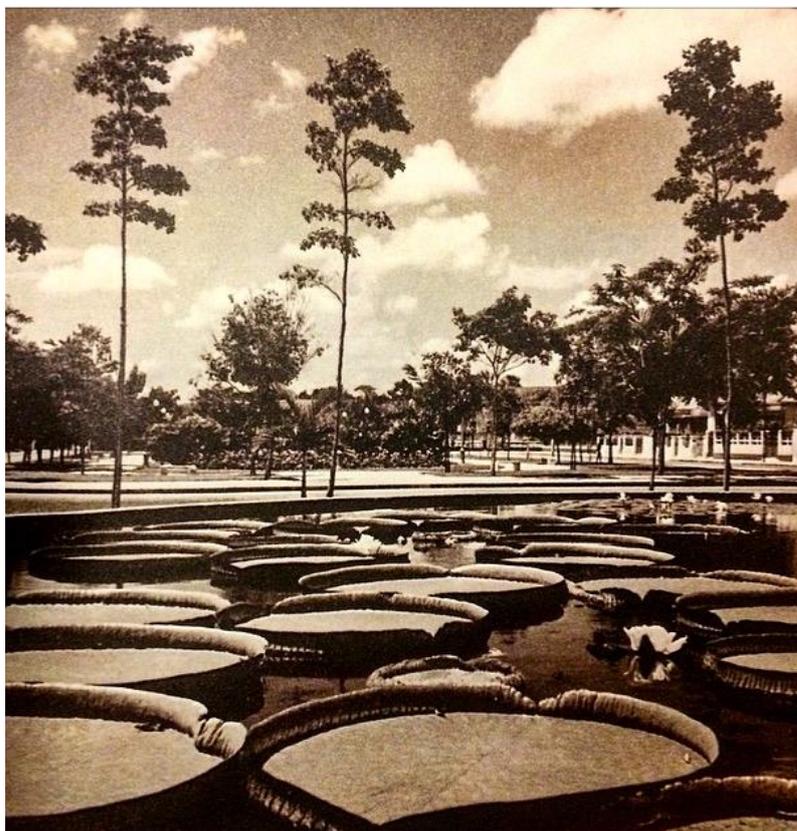
Para Jacobs (2011), se o objetivo de uma praça de uso genérico e comum é atrair o maior número de pessoas, com os mais variados horários, interesses e propósitos, o projeto da praça deve promover essa generalização de frequência. Para isto, a autora identifica como um dos principais elementos que o projeto deva incluir seja a *complexidade*, que diz respeito à multiplicidade de motivos que as pessoas têm para frequentar o lugar:

(...) às vezes para descansar, às vezes para jogar ou assistir a um jogo, às vezes para ler ou trabalhar, às vezes para se mostrar, às vezes para se apaixonar, às vezes para atender a um compromisso, às vezes para apreciar a agitação da cidade em um lugar sossegado, às vezes na esperança de encontrar conhecidos, às vezes para ter um pouquinho de contato com a natureza, às vezes para manter uma criança ocupada, às

vezes só para ver o que ela tem de bom e quase sempre para se entreter com a presença de outras pessoas (JACOBS, 2011, P. 113).

Nesse sentido, a Praça de Casa Forte é bastante complexa, já que atrai pessoas com interesses e propósitos diferentes, que foram se modificando de acordo com as transformações do seu entorno. Segundo relatos de Seu Queiroga e Winnie Fellows, moradores antigos da praça, nos anos 1950, a vida nessa área era mais pacata, quase interiorana, onde todos se conheciam. As edificações acomodavam, em sua maioria, residências e existiam poucos pontos comerciais, como o cinema Luan – na edificação de número 26, onde atualmente se encontra a lanchonete Subway – e a Escola Pio X – na edificação de número 388, que acomoda nos dias de hoje a Casa Paroquial –, além da presença, na redondeza, de uma mercearia e da padaria Mimosa, famosa na época. Os moradores contam também que a praça era mais conservada, se referindo às vegetações e aos tanques. No tanque central, por exemplo, ficavam as Vitórias Régias, que hoje já não existem, como demonstram as Figuras 46 e 47. Os encontros e brincadeiras entre os jovens aconteciam envolta dos tanques e jardins, e eles se sentavam nas escadas que levam aos tanques para conversar, tocar violão e cantar.

Figura 46 - Tanque central da Praça de Casa Forte, década de 1950.



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Figura 47 - Tanque central da Praça de Casa Forte, 2017.



Fonte: Autora, 2017.

Nos anos 1990, a praça ainda era rodeada por edificações, em sua maioria, de uso residencial, sendo considerado um local tranquilo, onde, no final das tardes, as senhoras se reuniam nas calçadas em frente às casas e as pessoas se encontravam na praça para conversar, conta Vânia Cavalcanti, arquiteta e moradora do entorno. Porém, “essas atividades já não existem mais com tanta frequência. A praça como ponto de convivência perdeu muito, os frequentadores atuais estão mais interessados nas instalações do seu entorno, do que na própria praça”, relata Seu Queiroga, se referindo aos pontos comerciais presentes ao redor da praça, conforme Figura 48.

Figura 48 - Conjunto de bares e lanchonetes no entorno imediato da praça.



Fonte: Autora, 2017.

Portanto, uma das principais mudanças percebidas é o fato de a praça, antes local de convívio dos moradores do entorno e das redondezas, passar a ser frequentada por pessoas de diversas áreas da cidade, sendo atraídas pela presença de estabelecimentos como bar, restaurante e livraria, de acordo com Seu Queiroga e Winnie Fellows. Os entrevistados acrescentam que a existência desses estabelecimentos comerciais deixou a praça mais fragilizada, no que concerne à segurança de seus frequentadores, pois foi percebido por eles um maior número de assaltos.

Outra questão abordada pelos moradores se refere aos modos de deslocamento da época, que eram feitos a pé, de bicicleta ou pelos ônibus e bondes. Com a introdução do comércio e serviço nas edificações do entorno imediato, segundo eles, é marcante a presença de veículos estacionados e circulando, congestionando as ruas que ladeiam a praça. Além disso, com a grande quantidade de veículos, não é possível mais ter a sensação de amplitude e profundidade, com a qual a praça foi projetada, de acordo com Wander Leal, arquiteto que tem seu escritório em um dos empresariais em frente à praça. O automóvel passa a ser, portanto, um elemento definidor de espaços devido a sua grande quantidade, além de contribuir para uma maior poluição sonora, como exposto na Figura 49.

Figura 49 - Carros estacionados nas ruas que ladeiam a Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2017.

A mudança de usos das edificações do entorno imediato da praça ocorreu mais fortemente após a construção dos edifícios residenciais, no início dos anos 2000, e com a instalação de estabelecimentos como cafeteria, padaria e restaurante, resultando na transformação das práticas vivenciadas na praça e impondo uma nova dinâmica social e novas regras de acesso ao lugar. Ou seja, embora ainda seja a “mesma” praça, seu uso e sua essência mudaram quando a vizinhança se transformou. À praça, foram incluídas novas práticas socioespaciais – esquematizadas na Figura 50 –, como as caminhadas no início das manhãs e final das tardes e o surgimento de vendedores ambulantes e guardadores/lavadores de carros, que se apropriaram dos espaços de ruas e calçadas, além de motoristas do ponto de taxi, como pode ser observado nas Figuras 51 e 52. Sobre isso, Winnie Fellows, enquanto arquiteta e urbanista, além de moradora do entorno, ressalta que essas transformações trouxeram, por um lado, o adensamento de pessoas e veículos, mas por outro, trouxe a facilidade para os moradores de terem serviços perto de casa.

Figura 50 - Mapa das dinâmicas mais relevantes da praça.



USO DAS EDIFICAÇÕES:

- Residencial
- Comercial/Serviço
- Religioso
- Em desuso

DINÂMICAS NA PRAÇA:

- Carros estacionados (Diariamente)
- Ponto de táxi (Diariamente)
- Lavadores de carro (Diariamente)
- Pessoas se exercitando, fazendo caminhada (Diariamente, mas com concentração maior de segunda a
- Feira de orgânico e de artesanato (Semanalmente, aos sábados e aos domingos, respectivamente)
- Eventos religiosos (Missas: terças, sextas, sábados e domingos; outros eventos: esporadicamente)
- Festa da Vitória Régia (Anualmente, todo mês de novembro)

Fonte: Autora, 2017.

Figura 51 - Lavadores de carro.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 52 - Ponto de táxi na praça.



Fonte: Autora, 2017.

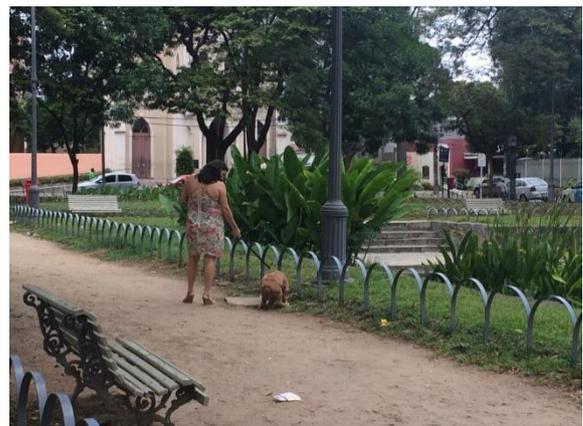
A rotina da Praça de Casa Forte, portanto, é bastante intensa, com pessoas fazendo suas caminhadas, passeando com seus animais de estimação, crianças brincando e alimentando os peixes dos espelhos d'água e casais namorando nos bancos, como demonstram as Figuras 53, 54, 55 e 56. Além dos guardadores de carros e os transeuntes que se dirigem aos estabelecimentos de comércio e serviço, ao ponto de taxi e a parada de ônibus, que se localizam na praça.

Figura 53 - Pessoas se exercitando, fazendo caminhada na praça.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 54 - Freqüentadores da praça com seus animais de estimação.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 55 - Frequentadores da praça, adultos e crianças.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 56 - Casal namorando no banco da praça.



Fonte: Autora, 2017.

Além dessas práticas rotineiras, aos sábados, a praça recebe eventos que proporcionam encontros específicos: nas manhãs de sábado, acontece a feira de alimentos orgânicos, que atrai, inclusive, pessoas da zona sul da cidade, segundo Iane de Sá, moradora de um dos edifícios residenciais do entorno imediato da praça, exposto na Figura 57; e no final das tardes do 2º e 4º sábados de cada mês, a feira de artesanato.

Figura 57 - Feira de produtos orgânicos na Praça de Casa Forte.



Fonte: Autora, 2017.

Um grande acontecimento realizado na praça, no mês de novembro, é a Festa da Vitória Régia. De acordo com o depoimento de Padre Edvaldo, pároco da Matriz da Casa Forte há 46 anos, a festa é uma das mais antigas do bairro, que já vem sendo realizada há 38 anos e tem uma característica filantrópica, onde todos os recursos arrecadados com os patrocínios e a venda de produtos são revertidos em prol das instituições mantidas pela Paróquia de Casa Forte, como a Casa da Criança Marcelo Asfora, localizada na própria praça. Ainda segundo o padre, o clima da festa é de envolvimento com a comunidade, aproximando as pessoas e reforçando os vínculos sociais entre os moradores do entorno. No entanto, para os entrevistados, com exceção do padre, a festa, que nas suas primeiras edições se tratava de uma quermesse, tomou grandes proporções, “deixando de ser uma festa de paróquia e passando a ser um festival”, segundo Ana Rita Sá Carneiro, com a presença de equipamentos instalados pelas ruas que ladeiam e cortam a praça, como brinquedos infantis variados – roda gigante, carrossel e carrinho bate-bate, por exemplo –, além da grande quantidade de barraquinhas vendendo comida, objetos decorativos, roupas, etc., como demonstra as Figuras 58, 59, 60 e 61, atraindo cada vez mais gente, o que resulta na degradação da vegetação e das pedras portuguesas das calçadas da praça.

Figura 58 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 59 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.



Fonte: Autora, 2016.

Figura 60 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.



Fonte: Autora, 2016.

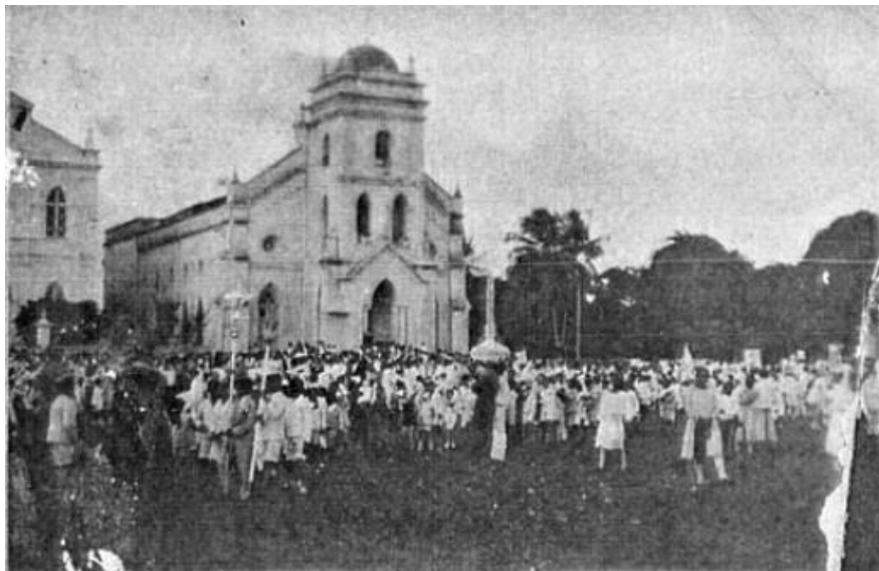
Figura 61 - Festa da Vitória Régia, 05/11/2016.



Fonte: Autora, 2016.

Outro evento que é realizado há bastante tempo é uma procissão que acontece no mês de maio, que sai das capelas das comunidades do conjunto urbano de Casa Forte e segue em direção à praça. Essa procissão pode ser entendida como um resgate dos antigos atos religiosos que aconteciam no local no mesmo período do ano (COSTA, 2003), como demonstram as Figuras 62 e 63. Para os arquitetos Ana Rita Sá Carneiro e Wander Leal, a presença da igreja é de grande importância para a praça, fazendo com que pessoas se reúnam por causa de seus eventos – procissões, missas semanais, casamentos, batizados, encontros de casais e de jovens, etc.

Figura 62 - Procissão na Praça de Casa Forte, s/d.



Fonte: COSTA. 2003. p. 91.

Figura 63 - Arautos do Evangelho Recife.



Fonte: (Arautos do Evangelho, 2012)

No período carnavalesco, alguns blocos têm sua concentração na praça, que reúne bastante gente, como o *Clubinho Anárquico Parasita Sai Dessa Noia*, criado em 2012, e outros que passam pela Avenida 17 de agosto, margeando a praça, como o *A Turma da Jaqueira Segurando o Talo*, criado em 1984, como demonstram as Figuras 64 e 65.

Figura 64 – Prévia carnavalesca Clubinho Anárquico Parasita Sai Dessa Noia.



Fonte: (LEITE, 2017)

Figura 65 - Prévia carnavalesca A Turma da Jaqueira Segurando o Talo.



Fonte: (SOARES, 2014)

Na praça, também foram realizados protestos e comemorações políticas. Segundo Costa (2003), no ano de 1999, foi realizado no local um ato em defesa das áreas verdes do bairro de Casa Forte. Temerosos de que a venda de antigas edificações e a provável construção de espigões pudessem provocar a sobrecarga nos serviços públicos, estudantes de cinco escolas e moradores do bairro realizaram um ato em defesa das áreas verdes e fizeram chegar às mãos do vice-governador da época um documento em que manifestavam a preocupação com a qualidade ambiental do bairro. Nesse período, ainda não existiam, no entorno imediato da Praça de Casa Forte, edificações de gabarito alto. Estas só começaram a ser construídas no início dos anos 2000 e atualmente existem 2 edifícios empresariais de 6 pavimentos e 5 residenciais que acomodam entre 20 e 42 pavimentos.

Em período de eleições municipais e estaduais, comemorações foram realizadas na praça, na década de 1980, agregando um grande número de pessoas do bairro e das proximidades. Nessas comemorações, simpatizantes de candidatos opostos agitavam o local com manifestações pacíficas (COSTA, 2003). No entanto, nas últimas eleições, a concentração já não foi mais tão intensa como antigamente, além da desmotivação política dos eleitores, um dos motivos para a diminuição foi a transferência das urnas do Rotary (localizado na praça) para a escola Reino da Carochinha, que fica a quatro quarteirões de distância, acredita Vânia Cavalcanti, como mostram as Figuras 66 e 67.

Figura 66 - Praça de Casa Forte, eleições de 2010.



Fonte: (Eleições 2010 em Pernambuco, 2010)

Figura 67 - Praça de Casa Forte, eleições de 2016.



Fonte: (CAVANI, 2016)

Contudo, não foram apenas as condições comportamentais de seus usuários que se alteraram na Praça de Casa Forte, a verticalização do seu entorno imediato trouxe uma mudança na paisagem e no microclima do espaço, já que os espigões bloqueiam a passagem do vento, e por outro lado, impedem que a luz do sol penetre em trechos da praça, a partir de um certo período do dia, comenta a arquiteta e urbanista Ana Rita Sá Carneiro. Além do descompasso entre o gabarito dos edifícios de até 42 andares e as residências antigas da praça, imprimindo uma alteração significativa na composição espacial, modificando sua ambiência e influenciando na maneira como este espaço público é apreendido, descaracterizando-o em relação aos aspectos históricos e artísticos do conjunto. Sobre isso, o arquiteto Carlos Augusto Lira ressalta a importância dos IEP's na praça, que preserva as edificações antigas e obriga os edifícios construídos em seus terrenos a terem um maior recuo frontal, resultando em uma maior distância deles em relação à praça, como demonstra na Figura 68.

Figura 68 - Vista aérea da Praça de Casa Forte.



Fonte: (Cobogó, 2015)

Desse modo, a Praça de Casa Forte tem acumulado funções desde sua construção, em 1935, até os dias de hoje, podendo ser classificada, segundo Leitão (2002), como uma praça: (1) de contemplação, para as quais as pessoas se destinam para contemplar a paisagem; (2) de estar, que as pessoas utilizam para descansar, encontrar os amigos e passar o tempo; (3) de lazer, para onde as pessoas se deslocam para se divertir; e (4) de festa, onde acontecem celebrações populares tanto de caráter religioso, quanto profano. Além de apresentar características ecológicas, por promover melhoria no clima da cidade, e na qualidade do ar, da água e do solo, graças à presença da vegetação, do solo impermeabilizado e de uma fauna diversificada; psicológica, por funcionar como um ambiente antiestresse, onde as pessoas relaxam em contato com os elementos naturais; e estética, por permitir a diversificação da paisagem construída e o embelezamento da cidade, graças à qualidade estética do projeto. Sobre tais características, a moradora Iane de Sá comenta que “a praça faz parte da paisagem e do contexto urbano, já que, naturalmente, as pessoas passam por dentro praça, por conta do arruamento que a divide em 3 partes. Ela é um Oasis no meio dessa selva de pedras”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto ao longo do texto, pode-se afirmar que o equilíbrio dos volumes construídos e naturais e sua relação harmônica com o espaço são radicalmente alterados com a introdução de elementos da vida contemporânea como os edifícios verticais, os novos usos e o crescimento do tráfego de veículos na Praça de Casa Forte.

A praça passa a ter uma nova dinâmica social e novas práticas vivenciadas, como as caminhadas no início das manhãs e final das tardes e o surgimento de vendedores ambulantes e guardadores/lavadores de carros, que se apropriaram dos espaços de ruas e calçadas, além de motoristas do ponto de taxi. Além disso, foi percebido também que a praça, antes local de convívio dos moradores do entorno e das redondezas, passa a ser frequentada por pessoas de diversas áreas da cidade, sendo atraídas pela presença de estabelecimentos como bar, restaurante e livraria.

Com todas essas transformações é marcante o aumento da circulação e do estacionamento de veículos no entorno imediato e nas ruas que cortam a praça. De acordo com todos os entrevistados, esse é o aspecto negativo mais preocupante, pois atualmente não é possível ter a sensação de amplitude e profundidade pretendida por Burle Marx para o projeto da praça.

Por outro lado, o aspecto positivo mais presente nas entrevistas foi a própria praça, ou seja, a presença de uma grande mancha verde no meio de tantas construções verticais. A moradora Iane de Sá e a arquiteta e urbanista Ana Rita Sá Carneiro, em entrevista para este trabalho, concordam que a Praça de Casa Forte pode ser considerada um oásis cercado de grandes edificações, por causa da densidade da vegetação que ela apresenta, resultado do desenho longitudinal e do tipo de vegetação escolhida, como também da presença dos espelhos d'água, contidos no projeto do paisagista Roberto Burle Marx e que proporciona uma diversidade de texturas. Além disso, segundo a arquiteta,

“a dimensão da praça pode ser aumentada por causa da altura das árvores, da largura dos passeios internos e do tamanho dos espelhos d'água; e quando observada de cima, se apresenta como um ponto de grande poder de vegetação, de natureza, permanecendo um oásis no coração do bairro”.

A questão da vivência é um aspecto com grande carga subjetiva e pessoal de cada frequentador com o espaço. Considerando-se, por exemplo, o depoimento da moradora supracitada, quando ela opina que a Praça da Casa Forte é um “oásis”, é preciso levar em consideração que, antes de morar no entorno imediato da praça, ela residia em Boa Viagem, um bairro da zona sul da cidade completamente adensado, carente de espaços públicos de convivência/lazer, então, a simples existência da praça, mesmo com os problemas apresentados, para a entrevistada, pode ser considerada um “oásis”.

Portanto, cabe a reflexão do quanto a cidade mudou e, conseqüentemente, suas vivências também, só que sob uma lógica de planejamento urbano mais voltado para atender às demandas dos veículos, o que pode tornar qualquer espaço público livre, formal e arborizado, um diferencial, ou mesmo um “oásis”. Ainda, apesar das transformações do entorno da Praça de Casa Forte, e de suas vivências, ela, a praça, continua sendo um espaço importante para o bairro e também para a cidade.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, H. Conjunto arquitetônico da Praça da República, 2013. Disponível em: <<http://www.feriasbrasil.com.br/pe/recifeolinda/conjuntoarquitetonicodeapracadarepublica.cfm>>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- ARAUTOS do Evangelho, 2012. Disponível em: <<http://recife.blog.arautos.org/tag/casa-forte/>>. Acesso em: 14 Novembro 2016.
- BEST, J. W. **Como investigar en educación**. Madri: Aguiar, 1974.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Brasil: [s.n.], 1937.
- CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira - Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Campinas: [s.n.], 2007. 434 p.
- CARNEIRO, A. R. et al. Metamorfoses do espaço público: a relação entre território e política na história da Praça de Casa Forte. In: _____ **Paisagem Ambiente: ensaios**. São Paulo: [s.n.], 2006. p. 246-256.
- CAVANI, J. Mobilização na Praça de Casa Forte foi menor que o normal, 2016. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2016/10/02/interna_politica,667944/mobilizacao-eleitoral-na-praca-de-casa-forte-foi-menor-que-o-normal.shtml>. Acesso em: 27 Março 2017.
- CIRCULANDO por Curitiba, 1 dezembro 2011. Disponível em: <http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2011_11_13_archive.html>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- COBOGÓ , 2015. Disponível em: <<https://cobogonnet.wordpress.com/2015/08/31/burle-marx-recife-e-suas-obras/>>. Acesso em: 27 Março 2017.
- CONCEITO de Ágora, 2012. Disponível em: <<http://conceito.de/agora>>. Acesso em: 14 Vovembro 2016.
- CONJUNTO arquitetônico da Prefeitura de Contagem - MG, 2011. Disponível em: <http://novo.contagem.mg.gov.br/?es=patrimonio_historico&artigo=977464>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- COSTA, L. S. D. **Lugares em Casa Forte - onde residem as fortalezas dos lugares?** Recife: [s.n.], 2003.
- COSTA, L. S. D. **Espaço público? Práticas cotidianas nos espaços públicos do Recife 1920-1940**. Recife: [s.n.], 2011.
- ELEIÇÕES 2010 em Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/eleicoes/eleicoes-2010-em-pernambuco/n1237790484595.html>>. Acesso em: 27 Março 2017.
- FABRÍCIO, M. Praças de Importância Mundial. **Diário de Pernambuco**, REcife, 22 Março 2017. Caderno Local, C3.
- FONSECA, P. Jardisn de Burle Marx na Praça de Casa Forte passam por vistoria nesta terça, 17 março 2016. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2016/05/17/interna_vidaurbana,645103/praca-de-casa-forte.shtml>. Acesso em: 14 novembro 2016.

- GEHL, J. **Cidade para as pessoas**. 3ª ed. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOMES, P. C. D. C. **Condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- HISTÓRIA da Arte - expressividade: luxo e riqueza - barroco, 2014. Disponível em: <<http://artedadrikkinha.blogspot.com.br/2014/04/historia-da-arte-expressividade-luxo-e.html>>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3ª. ed. São Paulo: WMF MARTINS FONTES, 2011.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: JNICT, 1993.
- LEITÃO, L. **As praças que a gente tem, as praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças**. Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente do Recife, 2002.
- LEITE, O. Clubinho Anárquico Parasita Sai Dessa Noia, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saidessanoia/photos/rpp.871911276161818/1457690814250525/?type=3&theater>>. Acesso em: Março 27 2017.
- LIMA, A. L. P. E. A. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas livres e correlatos. In: _____ **Congresso Brasileiro de Arborização Urbana**. São Luis: Imprensa EMATER/MA, 1994.
- MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.
- MACHADO, J. Seis Jardins Públicos de Burle Marx, em Recife (PE) são tombados, 11 junho 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pe/noticias/detalhes/2359/seis-jardins-publicos-do-recife-pe-podem-ser-considerados-patrimonio-cultural-brasileiro>>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- MALAMUT, M. **Paisagismo - Projetando espaços livres**. Bahia: Marcos Malamut, 2014.
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- NARCISO, C. A. F. **Espaço público: ação política e práticas de apropriação - conceito e procedências**. Lisboa: [s.n.], 2009.
- PRAÇA Giovanni Breda recebe mil pessoas durante entrega de melhorias, 2015. Disponível em: <<http://www.jornalhojelivre.com.br/noticias/praca-giovanni-breda-recebe-mil-pessoas-durante-entrega-de-melhorias>>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- PRAÇA Santos Andrade em Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.guiaturismocuritiba.com/2010/10/praca-santos-andrade.html>>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- PREFEITURA DO RECIFE. Praça de Casa Forte é entregue requalificada, 7 agosto 2014. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/07/08/2014/praca-de-casa-forte-e-entregue-requalificada>>. Acesso em: 14 novembro 2016.
- QUEIROGA, E. F. **A metrópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. São Paulo: [s.n.], 2001.
- RAGENE, A. The history theories and principles of urban and regional planning, 2016. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/EnPRageneAndreaPalma/history-theories-principles-of-urban-and-regional-planning>>. Acesso em: 14 Novembro 2016.

RECIFE. **Lei nº 16.176/1996. Estabelece a Lei de Uso e Ocupação do Solo - LUOS da cidade do Recife.** Recife: [s.n.], 1996.

RECIFE. **Lei nº 16.284/1997. Define os Imóveis Especiais de Preservação - IEP da cidade do Recife.** Recife: [s.n.], 1997.

RECIFE. **Lei nº 16.719/2001. Cria a Área de Reestruturação Urbana - ARU da cidade do Recife.** Recife: [s.n.], 2001.

RECIFE. **Lei nº 17.511/2008. Promove a revisão do Plano Diretor da cidade do Recife.** Recife: [s.n.], 2008.

RECIFE. Decreto nº 29.537, de 23 de março de 2016. Dispõe sobre a classificação como Jardins Históricos de Burle Marx os espaços públicos vegetados do Recife. In: _____ **Diário Oficial do Recife.** Recife: [s.n.], 2016.

SANTOS, MILTON. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 4ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SEBE, L. Praça da Liberdade é opção cultural em Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/suplementos/tur/praca-da-liberdade-e-opcao-cultural-em-belo-horizonte-1.1023954>>. Acesso em: 14 novembro 2016.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SILVA, A. D. F. **Jardins do Recife: uma história do paisagismo no Brasil (1872-1937).** Recife: CEPE, 2010.

SILVA, J. M. D. **Arqueologia botânica dos Jardins de Burle Marx - A Praça de Casa Forte e a Praça Euclides da Cunha.** Recife: [s.n.], 2012.

SOARES, B. Turma da Jaqueira Segurando o Talo, 2014. Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/carnaval-2011/noticia/2011/01/31/turma-da-jaqueira-segurando-o-talo-anima-zona-norte-ha-27-anos-255085.php>>. Acesso em: 27 Março 2017.

VIAJE sempre e cia, 2014. Disponível em: <<http://viajesemprecia.blogspot.com.br/2014/07/siena.html>>. Acesso em: 14 Novembro 2016.

ZUKIN, S. Paisagem do século XXI: Notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, A. **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000. p. 104-115.